
O Camões de Garrett (1815-1828)

Garrett's Camões (1815-1828)

Sérgio Nazar David

Universidade do Estado do Rio de Janeiro /CNPq

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1383>

RESUMO

O presente trabalho busca mapear e interpretar a presença de Camões na formação literária de Almeida Garrett (1815-1828). Partimos de um fragmento da tentativa épica *Afonsaida* e do soneto “Camões naufrago”, ambos de 1815. Em seguida, examinamos *O retrato de Vénus* (1821) e o poema épico *Camões* (1825). Por fim, recortamos as referências a Camões em dois textos ensaísticos fundamentais para a história das literaturas em língua portuguesa: “Bosquejo da História da Poesia em Língua Portuguesa” (1826) e “Esquisse d'une histoire littéraire du Portugal” (1827-1828). Garrett se vê como um novo Camões, renovando as suas lições e abrindo caminho para a nossa modernidade literária.

PALAVRAS-CHAVE: Luís de Camões; Almeida Garrett; Literatura Portuguesa do século XIX.

ABSTRACT

This paper aims to map and interpret the presence of Camões in the literary formation of Almeida Garrett (1815-1828). We begin with a fragment of the epic attempt *Afonsaida* and the sonnet “Camões naufrago” both from 1815. Next, we examine *O retrato de Vénus* (1821) and the epic poem *Camões* (1825). Finally, we highlight references to

Camões in two essayistic texts that are fundamental in the history of the literatures written in Portuguese: “Bosquejo da História da Poesia em Língua Portuguesa” (1826) and “Esquisse d'une histoire littéraire du Portugal” (1827–1828). Garrett sees himself as a new Camões, renewing his lessons and paving the way for our literary modernity.

KEYWORDS: Luís de Camões; Almeida Garrett; 19th-century Portuguese literature.

GARRETT EM ANGRA

Terá sido em Angra, antes de partir, em 1816, para estudar Direito em Coimbra, que Garrett teve os primeiros contatos com a obra de Camões, por meio da educação orientada pelo tio bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Família (1737-1818). Ofélia Paiva Monteiro refere o ceticismo do tio relativamente a regras. Acreditava mais no “contato frequente e íntimo com bons textos” de autores dos séculos XVI e XVII, “por ele considerados os representantes do período áureo da nossa língua” (Monteiro, 1971, v. I, p. 81). Não nos devem surpreender, por conseguinte, as duas primeiras referências a Camões na obra de Garrett, ambas de 1815.

A primeira é a invocação da *Afonsaida*, “tentativa épica” iniciada naquele ano, ms. 49 do Espólio Garrett (BGUC). Estão referidos: Camões, Gabriel Pereira de Castro (autor de *Ulisseia*), Vasco Mousinho de Quevedo (autor de *Afonso africano*) e Francisco de Sá de Meneses (autor de *Malaca conquistada*).

Nesses e outros autores quinhentistas e seiscentistas (Damião de Góis, Frei Luís de Sousa, Jacinto Freire de Andrade e Padre António Vieira), levantados de cadernos escolares do jovem João Baptista por Ofélia Paiva Monteiro, Frei Alexandre colheu os melhores exemplos, oferecidos ao sobrinho, do “português lídimo e expressivo [...] por que tão ardorosamente pugnava” (Monteiro, 1971, v. I, p. 82).

A segunda referência é o soneto “Camões Náufrago” (ms. D. G., t. I, son. I, BGUC) assim datado: “Angra, 29 de agosto de 1815”. São pouco conhecidos os 12 sonetos de Garrett apensos, juntamente com nove “Fábulas e contos”, na seção “Primeiros versos”, à segunda edição de *Folhas caídas*, onde o poema também vem datado: “Angra, 1815”.

CAMÕES NÁUFRAGO

Cedendo à fúria de Neptuno irado
Soçobra a nau que o gran’tesoiro incerra;
Luta co’ a morte na espumosa serra
O divino cantor do Gama ousado.

Ai do canto mimoso a Lísia dado!...
Camões, grande Camões, embalde a terra
Teu braço forte, nadador (,) aferra(,)
Se o canto lá ficou no mar salgado.

Chorai, Lusos, chorai! Tu morre, ó Gama,
Foi-se a tua glória... Não; lá vai rompendo
Co’ a destra o mar, na sestra a lusa fama.

Eterno, eterno ficará vivendo:
E a torpe inveja, que inda agora brama,
No abismo cairá do Averno horrendo.

(*Angra, 1815*)

Os 12 sonetos de Garrett, em versos decassílabos, apresentam o mesmo esquema rimático (ABBA / ABBA / CDC / DCD), diferentemente dos sonetos de Camões, que, segundo Vanda Anastácio, “apresentam, nos tercetos, quatro esquemas [...] diferentes” (Anastácio, 2007, p. 56). Garrett, em 1815, segue a tendência da segunda metade do século XVIII. Assim o fizeram a Marquesa de Alorna (1750-1839),

Bocage (1765-1805), Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), Alvarenga Peixoto (1744-1793), Silva Alvarenga (1749-1814), Curvo Semedo (1766-1838) e Francisco Joaquim Bingre (1763-1856).

Recorda-se o *incipit* do soneto de Bocage, originalmente publicado no primeiro tomo das *Rimas* em 1791, “Camões, grande Camões, quão semelhante”; e também o segundo verso: “Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!” (Bocage, 2004, p. 199). Garrett faz ecoar no seu “Camões Náufrago” o exílio, a penúria cruel, os gostos vãos, a pouca paz, os transes da ventura de Bocage em seu célebre soneto dedicado à memória de Camões. São igualmente invulgares no Camões de Garrett, como no de Bocage, os “dons da Natureza”: o poeta naufrago garrettiano não naufraga; pelo contrário, vai rompendo o mar e assim vive e faz viver a “lusa fama” pela força da escrita.

“Fábulas e contos” e “Sonetos” de Garrett só são publicados em 1853, em seção à parte, na segunda edição de *Folhas caídas*, uma das coletâneas mais eróticas da língua portuguesa. David Mourão-Ferreira chamou a atenção, em “A poesia confidencial das *Folhas Caídas*” (Mourão-Ferreira, 1966) para os 13 poemas acrescentados por Garrett na segunda edição, também de 1853, para, segundo a autor de *As quatro estações*, “atenuar a inquietante presença” dos outros 34 da primeira, sem indicação de autoria. *Folhas caídas* ficam, afinal, com 47 poemas. Mas Garrett acrescentou também na seção “Primeiros versos”, em apêndice ao volume, na parte inicial, mais 21 poemas: 9 fábulas e contos, e 12 sonetos. Assim, *Versos do Visconde de Almeida Garrett - II* acaba por reunir 68 poemas. O volume I é a última edição em vida de *Lírica de João Mínimo*, também de 1853.

“Camões Náufrago”, escrito em 1815 e publicado quase quatro décadas depois, está inserido nessa verdadeira bomba relógio das duas primeiras edições de *Folhas caídas*, ambas de 1853. São curiosíssimas as circunstâncias que envolvem a publicação do poema na maturidade do autor, e as de sua escrita, em 1815, aos 16 anos, em Angra

(Açores), onde se refugiara desde 1809 com seus pais e irmãos, na sequência da invasão francesa e da guerra peninsular.

DE COIMBRA PARA LISBOA E PARIS

Nos anos 20, Garrett saúda o Morgado de Mateus, D. José de Sousa Botelho, pela edição d'*Os Lusíadas*. Em *O retrato de Vénus* (1821), que lhe valeu um processo em tribunal por imoralidade, podemos ler no canto III: “E tu Sousa imortal[,] grata homenagem / Recebe eterna da mui grata Elísia” (Garrett, 1904a, v. I, p. 20).

Garrett estava atento à glorificação de Camões em curso já no último quartel do século XVIII. No XIX, além da edição monumental de 1817, anteriormente referida, merecem destaque o “Réquien à memória de Camões”, de João Domingos Bontempo, de 1819, e o óleo sobre madeira de Domingos Sequeira, “A morte de Camões” (Fig. 1), medalha de ouro, em Paris, no Salão de 1824, no Louvre. Sequeira a recebeu das mãos de Carlos X, em 14/01/1825, bem assim o título de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, conferido por Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança, a quem o quadro foi oferecido.

Figura 1 – A morte de Camões.



Fonte: Sequeira (1824).

Sequeira expôs também “O repouso no Egito”. Mas só “A morte de Camões” está no catálogo, que Luiz Xavier da Costa reproduz em *A morte de Camões – quadro do Pintor Domingos Antonio Sequeira* (1922). Destaco o seguinte trecho do referido catálogo:

tema extraído da vida de Camões. Este grande homem, abatido pela doença e pela mais atroz pobreza, estava morrendo num hospital, quando um de seus amigos chega anunciando a derrota em Alcácer-Quibir, a morte do rei D. Sebastião e da elite da nação naquela funesta jornada, a que se seguiram o fim da monarquia portuguesa e da pátria: ‘Ao menos, exclama Camões, se erguendo no seu leito de morte, eu morro com ela!’ (*apud* Costa, 1922, p. 63, tradução nossa).

A semelhança do texto acima com a cena final de *Camões* de Garrett, publicado logo em 1825, também em Paris, não é pequena. Garrett certamente viu o quadro de Sequeira, que, ao que tudo indica, perdeu-se no Brasil. Passo a citar a nota D à primeira edição de *Camões*:

É notável coincidência, e que muito lisonjeia o meu pequenino amor-próprio, que enquanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os últimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira imortalizava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnífico que este ano passado de 1824 expôs no Louvre, em o qual pintou *a mesma cena* (Garrett, 2018, p. 293, grifo nosso).

Camões teve quatro edições em vida de Garrett (1825, 1839, 1844 e 1854). Trata-se de um poema épico, também em dez cantos, mas não em oitava-rima. Helena Buescu assinala que, “sendo um texto de juventude [...], será também um texto de maturidade e será, talvez sobretudo, um texto cujas transformações descrevem o próprio percurso literário e até político de Garrett” (Buescu, 2018, p. 12); e refere

“a história de dois Poetas”, “de dois livros”. “De quem se fala? Camões ou Garrett?”, pergunta. E responde: “de ambos” (Buescu, 2018, p. 16). E isto para testemunhar “a condição do poeta moderno (romântico), que parece não ter alternativa senão desacordar-se dos ventos da História dominante e ir, como Camões, *contra eles*” (Buescu, 2018, p. 16). Parece ter razão, portanto, Ofélia Paiva Monteiro ao afirmar que em *Camões* (1825) se desfaz “o otimismo iluminista de Garrett” (Monteiro, 1971, v. I, p. 246).

Camões aqui, no livro de Garrett, retorna a Lisboa às vésperas da partida de D. Sebastião para a África. Vem na companhia de um homem escravizado, javanês, e encontra a sua amada Natércia já morta. Recorda a partida para o Oriente, incentivado na ocasião por Natércia. Volta com *Os Lusíadas*, e é recebido por D. Sebastião, que a princípio tenta abreviar o encontro. D. Aleixo de Menezes argumenta que “a fama das letras não perece”, e que “renome e glória, bem o guarda a espada”, “mas conservá-lo, só o pode a pena” (VI, 7). Camões se veste muito modestamente. Por fim, o rei acaba simpatizando com ele: “É este”, diz D. Sebastião aos cortesãos, “de quantos d’Ásia / Aqui vêm, o primeiro que não fala / Em suas cicatrizes” (VII, 9). No retorno a Sintra, canto IX, Camões reencontra o seu rival no amor de Natércia. O conde lhe oferece um retrato de Natércia e selam a paz.

D. Sebastião parte para a África e a fama de Camões se espalha. Ainda assim tem apenas como amigo o javanês, que em seu nome esmola nas ruas:

Vede-o, vai pelas sombras caridosas
 Da noite, de vergonhas coitadora,
 De porta em porta tímido esmolando
 Os chorados ceitis com que o mesquinho,
 Escasso pão comprar. Dai, portugueses,
 Dai esmola a Camões.

(X, 14)

O conde traz a notícia do desaparecimento do rei em Alcácer-Quibir. Camões diz: “Pátria, ao menos / Juntos morremos...” (X, 22).

O Camões de Garrett não está associado a nenhum destino trágico. Pelo contrário, é a imagem de uma luta por princípios elevados, do homem exilado em sua própria terra e em terras distantes, mas que reage por meio da escrita. O Camões de Garrett é sombra, mas também luz. Por isso tem lugar central nos dois textos ensaísticos de Garrett que passo a examinar.

GARRETT ENSAÍSTA

O primeiro, “Bosquejo da História da Poesia em Língua Portuguesa”, escrito também em Paris, como introdução ao *Parnaso lusitano ou poesias selectas do auctores portuguezes antigos e modernos illustrados com notas, precedido de uma historia abreviada da lingua e poesia portuguesa* (1826), é a primeira história da literatura em língua portuguesa.

Figura 2 – *Parnaso lusitano* (1826) – folha de rosto.



Fonte: BN Digital (2023a).

O *Parnaso lusitano* consiste numa antologia de poesia que começa na Idade Média e vai até a virada do século XVIII para o XIX. Inclui poetas brasileiros e não avança até o romantismo. São seis volumes.

O primeiro, onde está o “Bosquejo” (de Garrett) é de 1826; os demais são de 1827. Nesse primeiro volume, não está indicada a autoria do texto introdutório, mas no final do quinto há uma “Advertencia” do organizador, José Fonseca: “além do *Resumo histórico da língua e poesia portuguesa*, composto pelo Senhor João Leitão Garrett, e da *Epistola* de Francisco Manuel, que servem de introdução a esta obra [...]], lancei em nota as opiniões de alguns autores graves” (Garrett, 1826, p. 448).

Em 1828, no prefácio da primeira edição de *Adozinda*, e no ano seguinte também numa nota de *Da educação*, Garrett rejeita o *Parnaso*, finalizado em Paris pelo tal Fonseca, que, segundo ele, ao rever as provas, tomara a liberdade de alterar tudo, introduzindo “produções ridículas de gente desconhecida”, incluíra outras, enxoalhara “tudo com notas pueris e indecentes” (Garrett, 1829, p. IV-V).

Camões é abordado no capítulo III do “Bosquejo”, intitulado “Segunda época literária: idade de ouro da poesia e da língua desde os primórdios do século XVI até os do XVII”. Aparece como o “homem [que] levantou a cabeça lá das extremidades da Ásia” para se distinguir dos “escravos da imitação clássica” (Garrett, 1826, p. XXIII). Abriu “caminho novo”, criando a “poesia moderna”, constituindo-se o “Homero das línguas vivas” (Garrett, 1826, p. XXIV). Merecem destaque, para Garrett, as canções, em especial “Junto dum seco, [fero] e estéril monte”. Para ser o novo Homero, completa, Camões teve que ultrapassar os “poetas pigmeus” (Garrett, 1826, p. XXIII) de seu tempo, puros imitadores.

É bem possível que, na seleção dos poemas de Camões, Fonseca tenha interferido pouco ou quase nada. Integram o *Parnaso*: 7 trechos d’*Os Lusíadas*, 3 éclogas, 15 sonetos, 4 odes, 2 elegias e 1 trecho da comédia *Filodemo* de Camões. Lá está, no volume III, a canção “Junto dum seco, [fero] e estéril monte” destacada na abertura da

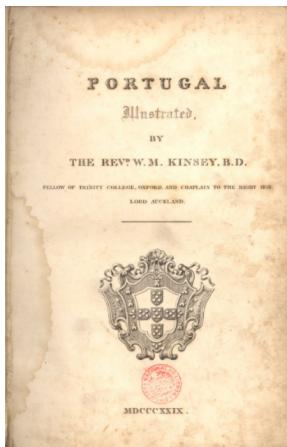
coleção. A presença das obras de Camões em cinco dos seis volumes do *Parnaso lusitano* é impressionante.

O segundo texto, no qual me deterei, é o manuscrito 82, apresentado equivocadamente por Henrique de Campos Ferreira Lima, no *Inventário do espólio literário de Almeida Garrett* (1948, p. 19) como uma tradução do manuscrito 80 (“Bosquejo”). Ofélia Paiva Monteiro identificou “*Esquisse d'une histoire littéraire du Portugal*” como a segunda história da literatura em língua portuguesa, só que agora escrita fundamentalmente para estrangeiros.

Garrett escreveu “*Esquisse*” em 1827-1828, atendendo a uma solicitação de William Morgan Kinsey (1788-1851), que esteve em Lisboa quando o autor de *D. Branca* já retornara de primeiro exílio, após a morte de D. João VI. O texto foi incluído na segunda edição de *Portugal Illustrated* (Londres, 1829), sem indicação de autoria, traduzido como “*Brief Review of the literary history of Portugal*”, com acréscimos e supressões. Há no Espólio Garrett, assinala Isabel Oliveira Martins (1990, p. 39), carta de Kinsey, agradecendo o apoio. “*Brief Review*” e “*Esquisse*” aproximam-se, mas não são iguais.

Do cotejo dos três textos, assinalem-se: a) Garrett sabe que o seu nome não apareceria como autor da publicação de Londres; b) Garrett inclui seu nome e suas obras no rol de matérias abordadas em “*Esquisse*”; c) alguns juízos se alteram em “*Esquisse*” em relação a temas anteriormente abordados no “*Bosquejo*”; d) “*Esquisse*” e “*Brief Review*” são textos dirigidos a público estrangeiro, e só o primeiro pode ter autoria atribuída efetivamente a Garrett.

Figura 3 – Portugal illustrated (1829) – W. M. Kinsey – folha de rosto.



Fonte: BN Digital (2023b)

Em “Esquisse”, Garrett volta à ideia de que, com Camões, Portugal fora “o berço da epopeia moderna”. Mais: não o faz, mas sugere a Kinsey a inclusão de um breve resumo da vida e da obra de Camões. A sugestão foi acatada e Kinsey inclui também um retrato de Camões à página 536.

Sobre Camões, podemos ler em “Esquisse”:

(...) foi no reinado de D. João III, filho e sucessor de D. Manuel, que as belas-letras realmente floresceram em Portugal. A Universidade de Coimbra brilhou então com todo o seu esplendor, cultivando as línguas eruditas, e o estudo da literatura clássica deu um carácter menos natural e menos nacional, é verdade, à poesia portuguesa, mas também trouxe brilho à língua, a enriqueceu, a formou completamente, dando-lhe a majestade e a solenidade que vemos n’Os Lusíadas e que causou a admiração de toda a Europa quando a vimos cantar com a lira de Homero o que supúnhamos impossível nas linguagens modernas dos nossos povos semibárbaros.

É importante assinalar que Camões precedeu em muito Tasso (...) sendo por isso o pai da epopeia moderna, o Homero das nossas línguas (...).

Chegamos ao tempo em que a literatura portuguesa pela ação de um só e poderoso génio se elevou acima de todas as literaturas das línguas novas. Trissino e Ariosto tinham tentado a epopeia, Dante antes deles tinha ensaiado o maravilhoso moderno no seu poema único: mas nenhum deles havia ainda subido tão alto para dar às línguas e aos povos modernos uma epopeia sua, que é também um poema nacional. Camões surgiu, e surpreendeu a Europa com *Os Lusíadas*: foi então que se viu que fora da língua de Homero e da de Virgílio podia haver também lugar para os poetas épicos [...] (Ms. 82, Espólio Garrett, BGUC, tradução nossa).

Em “Esquisse”, se compararmos com “Bosquejo”, o juízo sobre a época de Camões está abrandado. O autor d’*Os Lusíadas* surge não mais cercado de pigmeus, mas como o ponto mais alto num contexto de florescimento da cultura e do saber universitário. De todo modo, é pelas mãos de Camões que a literatura portuguesa se eleva frente às demais literaturas europeias. Garrett sabia quem seriam os seus leitores preferenciais. Se em “Bosquejo” a ênfase está na grandeza de Camões frente aos autores portugueses de todas as épocas; agora, em “Esquisse”, é a voz capaz de alcançar a “admiração de toda a Europa”.

Um aspecto permanece inalterado: a condenação à imitação servil dos clássicos, ao “cego respeito da Antiguidade”. Em “Bosquejo” o atrevimento de Camões foi abrir “caminho novo”, criar a “poesia moderna”. “Esquisse” apresenta a mesma posição, muito embora com uma formulação um pouco mais precisa: Camões, segundo Garrett, escreveu um “poema nacional”, “fora da língua de Homero e da de Virgílio”, quando a efervescência do estudo da literatura clássica sugeria um caminho “menos nacional”. Escreveu, portanto, na contramão das tendências dominantes em seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encaminho-me para a conclusão, indicando quatro pontos mais importantes do que quis demonstrar: a) o jovem Garrett, ao examinar a obra de Camões, demonstra ter um projeto literário coerente e abrangente; b) sua apreciação crítica adquire certa modulação relativamente ao público, nacional ou estrangeiro, a que se dirige; c) trata-se de um projeto literário intervencivo, do poeta-cidadão, que vive e escreve sob o signo da Liberdade, e para tanto o Camões de Garrett precisa ter um recorte muito preciso ; d) por fim, Garrett se educa sob as diretrizes clássicas do tio, D. Frei Alexandre da Sagrada Família, nos Açores, mas os seus horizontes, como escritor, apontam cada vez mais para a superação de tais modelos, segundo o seu ponto de vista, à semelhança de Camões.

Sem dúvida Garrett se vê como um novo Camões. Disse-o Eduardo Lourenço: “*Camões* [o Camões que ele canta] é, sobretudo, um duplo Garrett [...] doravante inseparável da nova religião da Liberdade” (Lourenço, 2019 [1988], p. 155). Disse-o Ofélia Paiva Monteiro (2018, p. 106): “Garrett [nunca] deixou de trazer o vulto e a poesia de Camões dentro de si.”

Novo não quer dizer igual. É ser capaz de renovar as lições daquele que foi e seguirá sendo o maior poeta da língua portuguesa, Camões, cuja vida e obra celebramos. É assim que Garrett forja a sua obra também ela fundadora de nossa modernidade literária.

recebido: 18/05/2025 aprovado: 18/06/2025

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Vanda. Introdução. In: ALORNA, Marquesa de. *Sonetos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 11-84.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. *Parnaso lusitano ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*. 15

jul. 2023a (última atualização). 1 exemplar digitalizado. Disponível em: <https://purl.pt/25>. Acesso em: 25 ago. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. *Portugal illustrated: in a series of letters / by the Rev. W. M. Kinsey.* - Second edition. 18 jul. 2023b (última atualização). 1 exemplar digitalizado. Disponível em: <https://purl.pt/25>. Acesso em: 25 ago. 2025.

BOCAGE. *Obra completa.* v. I. Sonetos. Edição de Daniel Pires. Porto: Caixotim, 2004.

BUESCU, HELENA CARVALHÃO. INTRODUÇÃO. In: GARRETT, Almeida. *Camões. Introdução e nota biobibliográfica de Helena Carvalhão Buescu*, Lisboa: Imprensa Nacional, 2018. p. 11-24.

COSTA, Luiz Xavier da. *A morte de Camões – quadro do Pintor Domingos Antonio de Sequeira*. Lisboa: 1922.

GARRETT, Almeida. Bosquejo da história da poesia em língua portuguesa. In: *PARNASO lusitano ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos illustradas com notas, precedido de uma historia abreviada da lingua e poesia portuguesa.* v. I. Paris: J. P. Aillaud, 1826. p. VII-LXVII.

GARRETT, Almeida. *Camões Náufrago*, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Coimbra), Espólio Garrett, Manuscrito D. G., t. I, son. I.

GARRETT, Almeida. *Camões. Introdução e nota biobibliográfica de Helena Carvalhão Buescu*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2018.

GARRETT, Almeida. *Da educação*. Londres: Sustenance e Stretch, 1829.

GARRETT, Almeida. *Esquisse d'une histoire littéraire du Portugal*, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Coimbra), Espólio Garrett, Manuscrito 82.

GARRETT, Almeida. *Obras Completas de Almeida Garrett.* v. I. Retrato de Venus/ Historia da Pintura/ Fragmentos de Poemas Ineditos. Edição de Teófilo Braga. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1904a.

GARRETT, Almeida. *Obras Completas de Almeida Garrett.* v. VI. Adozinda. Ed. de Teófilo Braga. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1904b.

GARRETT, Almeida. *Versos do V. de Almeida Garrett.* II. Fábulas/ Folhas caídas. 2. ed., Lisboa: Imprensa Nacional, 1853.

KINSEY, William Morgan. *Portugal illustrated: in a series of letters*. London: Treuttel, Wurtz, and Richter, 1829.

LIMA, HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA. *Inventário do espólio literário de Almeida Garrett*. Coimbra: 1948.

LOURENÇO, EDUARDO. O ROMANTISMO, CAMÕES E A SAUDADE. In: LOURENÇO, EDUARDO. *Obras completas. Vol. VI. Estudos sobre Camões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2019, p. 151-159. [Publicado em francês com o título “Le Romantisme et Camoëns”, em *Nós e a Europa*, Lisboa: INCM, 1988.]

MARTINS, Isabel Oliveira. O Percurso da Primeira História da Literatura Portuguesa. *Revista de estudos anglo-portugueses*. Lisboa, Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas/ Universidade Nova de Lisboa, n. 1, p. 37-135, 1990.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. A celebração romântica de Camões. In: MONTEIRO, Ofélia Paiva. *Variações sobre Temas camonianos*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2018. p. 91-113.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. *A formação de Almeida Garrett. Experiência e criação*. 2 v. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971.

MOURÃO-FERREIRA, David. A poesia confidencial das *Folhas Caídas*. In: MOURÃO-FERREIRA, David. *Hospital das Letras*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1966. p. 57-66.

SEQUERA, Domingos. *A morte de Camões*. 1824. 1 pintura (óleo sobre tela).

MINICURRÍCULO

SÉRGIO NAZAR DAVID é Professor Titular da UERJ, bolsista do CNPq, membro da Equipe Garrett (Centro de Literatura Portuguesa – Universidade de Coimbra). Autor dos livros de poemas *Onze moedas de chumbo*, *A primeira pedra*, *Tercetos queimados* (2014), *O olho e a mão* (2018, com Ana Marques Gastão) e *Gelo* (2023); e de ensaios *Freud e a religião* (2003), *O século de Silvestre da Silva* (2007). Organizou as edições críticas de *Cartas de amor à Viscondessa da Luz* (2007), *Correspondência familiar* (2012, Menção Honrosa – Prémio Grémio Literário - Lisboa), *Correspondência para Rodrigo da Fonseca Magalhães* (2016, Menção Honrosa – Prémio Grémio Literário - Lisboa), *Filipa de Vilhena / A Sobrinha do Marquês* (2020) e *O corcunda por amor/ Tio Simplício/ Falar verdade a mentir/ O Conde de Novion* (2025) de Almeida Garrett. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6550-0837>.